

Pai, identificação parental e homossexualidade masculina

Father, parental identification and male homosexuality

Elsa Oliveira Dias

Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW)

Resumo: A partir de premissas gerais da teoria winnicottiana sobre a constituição da identidade sexual de uma criança, o estudo aborda a questão das identificações parentais e sua relação com as tendências hetero e homossexuais; mais especificamente, a necessidade do menino de um pacto homossexual com o pai na fase em que se iniciam os relacionamentos interpessoais. Examina a tese de Winnicott de que é a falta dessa experiência homossexual com o pai uma das etiologias da tendência homossexual masculina. A autora propõe ainda a distinção entre uma homossexualidade de raiz instintual, referida à integração e à direção que os impulsos biológico-instintuais tomaram na história pessoal e relacional do indivíduo, e outra de raiz identitária, em que a homossexualidade surge como que para “resolver” problemas relativos à identidade pessoal do indivíduo.

Palavras-chave: Winnicott, identificação parental, homossexualidade, pai, instintual, dentitária.

Abstract: Starting from the general premises of Winnicottian theory about the constitution of a child’s sexual identity, this study focuses on the matter of parental identification and its relation to both hetero and homosexual tendencies; more specifically, the need a boy has of a homosexual pact with his father during the phase when interpersonal relationships start. The study also examines Winnicott’s thesis that the lack of this homosexual experience with the father is one of the etiologies of male homosexual tendency. The author suggests the differentiation between homosexuality of an instinctual root, referred to the integration and the direction that biological-instinctual impulses have taken in the individual’s personal and relational history, and another one, of an identity related root, in which homosexuality appears as if to “solve” problems related to the individual’s personal identity.

Keywords: Winnicott, parental identification, homosexuality, father, instinctual, identity.

1. Introdução

Instada a decidir sobre o tema de minha contribuição no colóquio internacional sobre o pai na obra de Winnicott¹ e, em virtude de uma série de fatos clínicos que, mais ou menos por essa ocasião, e ao acaso, se aglutinaram em torno do tema da homossexualidade masculina, pareceu-me que um estudo que tentasse averiguar a possível influência do pai na formação da tendência homossexual masculina poderia ajudar a esclarecer também alguns aspectos sobre a responsabilidade e o papel do pai na constituição da identidade sexual da criança. Sendo uma tentativa de pensar questões eminentemente clínicas, na perspectiva winnicottiana, tal estudo seria um modo, mesmo que incipiente, de responder ao apelo de Winnicott quando afirma que, tendo formulado as linhas gerais do amadurecimento humano, restam ainda muitas lacunas na compreensão e que cabe, aos analistas e terapeutas, a tarefa de registrar e de refletir sobre os fenômenos que surgem das experiências clínicas, à luz de sua teoria.

Quando me debrucei sobre o tema acima enunciado, dei-me conta não apenas de sua alta complexidade, mas de que era praticamente impossível configurá-lo, com alguma precisão, sem antes estender no horizonte o que seria uma teoria winnicottiana da homossexualidade e aqui, no caso, sob a perspectiva do modo pelo qual o pai poderia influenciar a tendência. Ocorre que, embora Winnicott tenha feito diversos apontamentos sobre a homossexualidade e esboçado algumas possíveis e diferentes etiologias, ele não chegou a articular esses elementos em uma teoria. Em 1995, Maria de Fátima Dias levantou alguns importantes aspectos do tema da homossexualidade, em seu mestrado, mas num momento em que os estudos winnicottianos, entre nós, estavam apenas começando.² Zeljko Loparic, por sua vez, reuniu elementos centrais para uma teoria winnicottiana da sexualidade em geral, num longo e minucioso artigo,³ mas uma

¹ Este texto é a versão ampliada e corrigida do estudo que foi escrito para ser apresentado no XVIII Colóquio Internacional Winnicott de São Paulo, cujo tema foi tirado do título do artigo de Winnicott, “E o pai?”. O Colóquio, realizado em maio de 2011, foi organizado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana e coordenado pela Dra. Claudia Dias Rosa, nas dependências da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

² Cf. Maria de Fátima Dias, 1998.

³ Loparic, 2005.

articulação geral dessa teoria, em Winnicott, que inclua e aborde de maneira mais específica a temática da homossexualidade, ainda ficou por ser feita. Tendo tudo isso em vista, o que objetivo, com este esboço, é explicitar alguns aspectos da visão de Winnicott sobre a homossexualidade e apontar uma ou outra das possíveis influências do pai na formação da tendência homossexual, em especial o fracasso do pai em possibilitar, ao filho homem, uma identificação com seu lugar e papel.

2. Amadurecimento e constituição da identidade sexual

Em Winnicott, qualquer questão ou fenômeno – seja a da possível influência do pai, em qualquer nível ou aspecto, seja a da homossexualidade – só pode ser devidamente examinado tendo como pano de fundo a ideia e a linha do amadurecimento. É por essa razão que, num texto sobre a importância da família, como aquilo que dá prosseguimento ao colo materno, do qual se tem que sair, diz Winnicott que

cabe a cada indivíduo fazer o longo caminho que parte do estado de ser misturado [*merged*] com a mãe até o estado de ser um indivíduo separado, relacionado à mãe, e à mãe e ao pai juntos. Daí a jornada segue pelo território conhecido como família, tendo o pai e a mãe como suas principais características estruturais. A família tem seu próprio crescimento [...]. (1961b[1957]/2005, p. 60)

Embora, do ponto de vista do observador externo, a família preexista ao bebê, a criança só se dá conta da existência de um grupo ao qual pertence num dado momento do amadurecimento. Do mesmo modo, é apenas quando a criança já pode notar a diferença entre os sexos – na fase chamada exibicionista que coincide, na linha do amadurecimento, com meados da longa elaboração da capacidade para o concernimento, a saber, por volta dos dois anos e meio – que é possível se falar do início da constituição da identidade sexual. Mas essa identidade tem, como quase tudo no amadurecimento, uma pré-história, que acaba por influir na configuração de como o indivíduo venha a se estabelecer como pessoa sexuada.

Na etapa em que a criança adquire a capacidade de perceber a mãe como pessoa externa e separada do si-mesmo, também o pai começa a ser vislumbrado como

terceiro, como aquele que pertence ao gênero “homem-papai”, como diria Piggie (1977/1987); é só a partir desse momento que cabe falar das falhas diretas do pai, sendo que antes, como se pode ver no minucioso estudo de Claudia Dias Rosa (2012), só se pode falar de falhas indiretas do pai, pois este ainda não foi percebido pela criança, como pessoa separada do ambiente. Ainda assim, mesmo antes de o pai ser diferenciado como pessoa separada, alguns de seus modos de ser podem estar sendo incorporados pela criança, como aspectos diferenciados dos cuidados ambientais, caso ele seja presente e atuante nos cuidados com a criança. Winnicott menciona que

nos últimos cinquenta anos, tem havido nesse país uma mudança na orientação, de tal modo que os pais se tornaram muito reais para seus filhos no papel de duplicações da mãe [...]. No entanto, isso interfere com outra característica do pai, segundo a qual ele acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado. (1986d[1966]/1989, pp. 126-127)

3. Algumas premissas gerais ao tema da constituição sexual da criança

3.1 As duas raízes do amadurecimento

Explícito, de início, um ponto que me será necessário no desenvolvimento da ideia: a existência de duas linhas, ou duas raízes que coexistem no processo de amadurecimento: a raiz instintual, referida aos impulsos biológicos, a qual, no amadurecimento, se desenvolverá a partir das tensões instintuais simples – os estados excitados em geral – na direção de constituir uma sexualidade madura (genital), e a raiz identitária, basicamente relacional, referida à constituição paulatina do si-mesmo unitário, no interior das relações primitivas que estão ocorrendo à parte dos impulsos instintuais, como identificações, incorporações e introjeções de diferentes tipos. Quando tudo corre bem, o indivíduo, que começa a vida num mundo subjetivo, onde habitam objetos subjetivos, amadurece até alcançar a capacidade de relacionar-se com e de usar objetos objetivamente percebidos, no mundo externo.

As duas linhas, a instintual e a identitária, se entrecruzam e compõem, ambas, o processo de amadurecimento; às vezes caminham juntas, uma tomando carona na outra

– como quando, bem no começo, a busca (*reaching out*) do objeto toma carona no impulso instintual –; outras vezes se cruzam, mas, no mais das vezes, em cada etapa, uma prevalece sobre a outra, ambas coexistindo.

3.2 A existência é essencialmente psicossomática

Em Winnicott, toda experiência corporal, desde o início, em especial a que envolve um relacionamento (na fase primitiva, o “relacionamento” é subjetivo, o dois-em-um da unidade mãe/bebê), é elaborada imaginativamente e será integrada como parte do indivíduo. Para uma criança em desenvolvimento, diz Winnicott em *Natureza humana*, as fases pré-genitais tornam-se genitais “tanto em termos de sua localização corporal quanto no que diz respeito ao seu tipo de fantasia” (1988/1990, p. 65). O modo como uma dada excitação corporal e seu percurso até o clímax é vivido, juntamente com as condições ambientais (de proteção, tranquilidade ou de afobação, impaciência) nas quais ela se dá, com a qualidade do contato que está sendo oferecido e, ainda, com a elaboração imaginativa que a acompanha, tudo isso é incorporado pelo bebê no seu “armazém de experiências”.⁴

3.3 A sexualidade adulta tem raízes na instintualidade inicial⁵

⁴ A expressão “armazém de experiências” encontra-se no artigo de Winnicott “Moral e educação” (1963d/1983). O modelo da incorporação que gera o “armazém de experiências” é o mesmo da amamentação: se a experiência é boa (não apenas do ponto de vista instintual), há um aumento do “bom”, dos “objetos bons” e da bondade; se as experiências são predominantemente insatisfatórias ou más (se a mãe está ansiosa e/ou não estabelece contato com o bebê enquanto o troca ou o amamenta), objetos maus e/ou persecutórios passam a fazer parte da realidade psíquica pessoal do indivíduo.

⁵ Mas não se trata, como em Freud, de as experiências instintuais primitivas serem já sexuais. No pensamento de Winnicott, essas experiências primitivas não podem ser sexuais devido à falta de amadurecimento do bebê para o sentido de sexual: a elaboração imaginativa não tem ainda como elaborar excitações de qualidade específica. Diz Winnicott: “Pode-se afirmar que a capacidade para a excitação sexual, em ambos os sexos, está presente desde o nascimento, mas a capacidade primária de partes do corpo para a excitação tem uma significação limitada até que a personalidade da criança se torne integrada, podendo-se dizer que é apenas a criança como pessoa inteira (*whole person*) que fica excitada dessa maneira específica” (1947a/1971, p. 174).

Diz Winnicott:

A base da saúde sexual é estabelecida na infância e na reduplicação do desenvolvimento infantil que tem lugar na puberdade. O corolário é igualmente verdadeiro: as aberrações e anormalidades sexuais da vida adulta são igualmente implantadas nos primeiros tempos da infância. (1947a/1971, p. 171)

Esse mesmo ponto encontra-se corroborado quando Winnicott, discorrendo sobre o fato de as excitações mais específicas serem compostas de excitações de todos os tipos, afirma que “o mais maduro brota do mais primitivo, os impulsos instintuais sexuais, por exemplo, dos canibalísticos” (1947a/1971, p. 174).

A capacidade de excitar-se e buscar o clímax, na presença e juntamente com outro ser humano, relacionando-se ao mesmo tempo com ele, provém de um estágio primitivo do amadurecimento:

Na psicanálise, onde há tempo para conjugar todas as raízes mais remotas da plena experiência sexual dos adultos, o analista obtém muito boas provas de que, numa amamentação satisfatória, o fato concreto de tomar parte no corpo da mãe fornece um “esquema” para todos os tipos de experiência em que o instinto participa. (1957e[1945]/1971, p. 59)

Nesta última citação, está afirmada a importância do contato com o corpo da mãe, viva e respirando, na aquisição da capacidade de excitar-se e buscar o clímax, com o outro, na presença do outro, ou seja, da vida sexual. Mas, no que se refere à constituição da identidade sexual, é importante examinar o papel do pai nessa pré-história. Embora o pai não tenha, em geral, o mesmo relacionamento físico com o bebê que a mãe, o fato de ele, volta e meia, segurá-lo, e melhor, lidar com ele durante os estados excitados, dando-lhe a mamadeira por exemplo, de um modo necessariamente diferente do da mãe, faz com que, no “armazém de experiências” do bebê, essa distinção, imaginativamente elaborada, fique lá guardada, como esquema corporal adquirido. No tempo próprio, mais especificamente na fase exibicionista, esse esquema irá se acrescentar ao começo da diferenciação mais objetiva, entre meninos e meninas. Ao dar-se conta que pertence ao gênero papai-menino, ou mamãe-menina, a criança já está de posse de esquemas corporais que dizem respeito ao seu gênero. Num

certo sentido, ela sabe, psicossomaticamente, como é ser como o papai ou ser como a mamãe.

Naturalmente, a aquisição de esquemas depende de o cuidado ter sido não só satisfatório como regular. Quando a tendência homossexual se instala, haverá, provavelmente, num domínio bastante inacessível à consciência, pois relacionado às elaborações imaginativas primitivas, alguma coisa relacionada a não saber ser, psicossomaticamente, como o papai.

Mas isso não basta para determinar se o menino, além do sexo biológico, irá, ou não, se identificar com o pai e quererá ser como o pai. À medida em que cresce, são muitas outras as atitudes do pai e as formas de relacionamento que este estabelece em casa que irão interferir na escolha identificatória.

4. Bissexualidade e identificação

Na psicanálise freudiana, e sob a influência de Fliess, a ideia de uma bissexualidade universal (psicológica e não anatômica ou embriológica como queria Fliess) – e que, diga-se de passagem, jamais ficou satisfatoriamente resolvida por Freud, segundo ele mesmo (cf. Laplanche & Pontalis, 1967, p. 50) – foi relacionada ao tema da escolha objetal e usada, em especial, para explicar as chamadas escolhas “invertidas” do objeto sexual. Winnicott, por sua vez, diz aceitar a ideia da bissexualidade em todos os seres humanos – e é por isso que, para ele, existe sempre “um menino na menina” e “uma menina no menino” (cf. 1988/1990, cap. I, parte II) –, mas salienta que essa ideia é, em geral aceita, “especialmente no que se refere à fantasia e à capacidade para a identificação” (1988/1990, p. 66). Para Winnicott, a bissexualidade não se refere, portanto, a nenhum substrato biológico, mas à capacidade que homens e mulheres têm de se identificar com o outro, do mesmo sexo, e/ou de se pôr no lugar do outro, de sexo oposto. Esse ponto é corroborado numa carta de Winnicott, a que voltarei adiante, em que se lê: “Todo mundo é bissexual, no sentido da capacidade de se identificar com o homem e a mulher” (1987d[1967]/1988, p. 98).

Naturalmente, o que está sendo pressuposto, nessa capacidade que, em princípio, todos teriam de se identificar com o homem e a mulher, é que o indivíduo alcançou uma conquista mais básica: a capacidade para a identificação, cuja raiz é lançada já na fase mais primitiva com o bebê sendo alvo da identificação da mãe ao longo das fases iniciais. Essa conquista significa que o indivíduo já se separou do ambiente, já se

integrou numa unidade e é capaz de se pôr no lugar do outro, que é percebido como externo e separado do si-mesmo. É a partir dessa capacidade que é possível amadurecer na direção de identificar-se com a pessoa de outro sexo. De maneira ainda mais complexa, existem as identificações cruzadas, que, se funcionarem na justa medida, são indicador de saúde e maturidade. Para elucidar melhor o que Winnicott entende por identificação e identificação cruzada, vale a pena mencionar a citação que segue:

Um sinal de saúde mental é a capacidade que um indivíduo tem para penetrar, através da imaginação, e ainda assim de modo preciso, nos pensamentos, nos sentimentos e nas esperanças de outra pessoa e também de permitir que outra pessoa faça o mesmo com ele. (1986f[1970]/1989, p. 91)⁶

Saliento que, mesmo em se tratando do tema em pauta, a homossexualidade, o principal, para se poder distinguir algum tipo de fronteira entre saúde ou doença, gira em torno da integração do indivíduo como pessoa, ou seja, do seu grau de amadurecimento ou, em outras palavras, do que ele é capaz de abranger no âmbito de sua personalidade, quando unificada.

A frase, já mencionada, que diz: “Todo mundo é bissexual, no sentido da capacidade de se identificar com o homem e a mulher”, encontra-se numa carta “a um confidente”.⁷ O que interessa aqui é o trecho que vem a seguir. Para tornar compreensível o ponto que desejo aqui enfatizar, e que se encontra na continuação dessa frase, saliento que, em 1966, ano em que redigiu essa carta, Winnicott havia acabado de escrever um artigo sobre uma descoberta que fizera a partir de um caso clínico: o paciente de Winnicott, a que chamamos de FM (1971va[1966]/1994, p. 135),⁸ era médico, profissional de sucesso, casado, com filhos. Sua história foi difícil: desde bebê, teve que se encaixar na expectativa da mãe de que ela teria uma menina e, quando ele nasceu, ela não apenas não o viu, como lhe pôs as fraldas do modo como se põem a uma menina, como se ele não tivesse nada entre as pernas. Submetido, desde o início, à essa

⁶ Toda a primeira parte dessa citação refere-se à capacidade para a identificação, em geral. O trecho “e também de permitir que outra pessoa faça o mesmo com ele” refere-se à identificação cruzada.

⁷ Trata-se da carta 99 de *O gesto espontâneo* (1987b/1990, p. 134).

⁸ A sigla FM foi escolhida para abreviar Feminino/Masculino.

fantasia materna, a primeira e brutal consequência para sua vida foi que ele se tornou reativo. Não sabia nada sobre si mesmo, não se sentia real e mesmo a sua potência, que o fazia enfrentar com sucesso um enorme número de tarefas em sua vida, ele a percebeu como puramente reativa. Quando, após todo um tempo em que se permitiu, com anuência e sustentação do analista, sentir-se um nada, que era então o único estado verdadeiro por onde poderia recomeçar, alguma coisa pessoal pôde então, muito vagarosamente, surgir. A primeira coisa que apareceu na análise foi que, por toda a vida, e só agora ele reconhecia, sentira-se “apertadamente enrolado entre as pernas”, o que surtia um efeito “sobre seus órgãos genitais e sua capacidade de urinar”. A descoberta de Winnicott dizia respeito ao fato de que esse menino, para poder relacionar-se com a mãe, desenvolvera um si-mesmo feminino cindido e, durante toda a vida, esse si-mesmo feminino cindido reclamara por existir na vida do rapaz. O rapaz aproximou-se do mundo homossexual, sem, contudo, estabelecer qualquer relação homossexual concreta. Relatando um certo momento da análise, diz Winnicott: “Havia neste caso, uma dissociação que estava a ponto de romper-se. A defesa da dissociação estava dando lugar a uma aceitação da bissexualidade como sendo uma qualidade do si-mesmo total ou unitário” (1971va[1966]/1994, p. 134).

Relatado o ponto que pode dar sentido ao que vem a seguir, retomo a continuação da carta ao confidente, após a frase já citada sobre a bissexualidade. Naturalmente, tem-se que adivinhar a solicitação do “confidente” a que Winnicott responde. Ele diz:

Há, contudo, uma grande diferença entre uma personalidade unificada, tal como a de um homem com capacidade de identificação com uma mulher, e uma coisa singular, mas diferente: um homem masculino com um si-mesmo de mulher cindido. [...] O que me surpreende é que, em seu próprio desenvolvimento, você pode estar em processo de mudança, de um homem com um si-mesmo feminino cindido para um indivíduo mais integrado, contendo todos os elementos, inclusive as duas identificações.

Acho que o estudo da identificação do homem com a mulher tem sido muito complicado por uma tentativa insistente da parte dos psicanalistas em chamar de homossexualidade tudo o que não é masculino num homem, enquanto, na verdade, a homossexualidade é uma questão secundária, menos fundamental, e um considerável

aborrecimento quando se trata de chegar à identificação do homem com a mulher. (1987d[1967]/1988, p. 135)

No que se refere à saúde *versus* doença, a questão central é a personalidade unificada, capaz de reunir tudo em si mesmo; não por um monismo, mas por uma articulação versátil entre as partes.

5. Identificações e tendências hetero e homossexuais

Em Winnicott, as tendências hetero e homossexuais estão fortemente articuladas com as identificações parentais.⁹ Não tratarei neste estudo, mais do que já o fiz, da capacidade mais geral para a identificação e para as identificações cruzadas, mas apenas da capacidade de identificação com os pais – que passa a se estabelecer após a distinção entre os sexos, na fase exibicionista, e vai até o período de latência – como base para a formação da identidade sexual.¹⁰

Além do requisito de uma certa maturidade, essa aquisição depende em grande medida de, na apreensão da criança, os pais se relacionarem – o que está longe de ser óbvio –, de terem lugares e papéis bem diferenciados em seu modo de ser e de lidar com as coisas do lar e do mundo, ao mesmo tempo em que se identificam um com o outro. Depende, também, essencialmente, de eles serem pessoas com quem uma criança possa se identificar:

Uma necessidade da criança bem desenvolvida de quatro anos é ter pais com quem se identifique. Nessa importante idade não é bom implantar princípios morais nem inculcar padrões culturais. O fator ativo é o pai e a mãe, a conduta de ambos e as relações recíprocas, tal como a criança as percebe. É isso que a criança absorve, imita ou contra

⁹ Há muitos outros fatores em pauta, mas vou me deter em especial nas identificações. Não se pode esquecer, contudo, que cada fator sofre influência dos outros e que o exame de cada um deles separadamente induz a erro. Não se pode negligenciar o fato de que a possibilidade de as identificações se desenvolverem pode estar articulada com o lugar que cada criança ocupa na família e com as expectativas da família. Este dois últimos temas serão brevemente abordados no final deste texto.

¹⁰ Não estou considerando, aqui, a fase da adolescência, quando a questão da identidade sexual volta a ficar, às vezes, agudamente em pauta, devido ao retorno das inquietações primitivas com relação à identidade em geral.

o que reage; é também o que a criança usa centenas de vezes num processo pessoal de autodesenvolvimento. (1954b[1944]/1971, pp. 204-205)

Na citação acima, Winnicott salienta a importância, para o amadurecimento em geral, de a criança ter pais com quem possa se identificar. Ainda com relação às identificações como base para as tendências hetero ou homossexuais, Winnicott afirma que:

Ao mesmo tempo que, na vida infantil, a relação heterossexual comum é vitalmente importante, a relação homossexual existiu sempre e pode ser relativamente mais importante do que a outra. Em outras palavras, a criança fica normalmente identificada com cada um dos seus progenitores, mas, num determinado momento, principalmente com um deles; e esse um não tem por que ser do mesmo sexo da criança. [...] Pode ser essa a adaptação natural da criança a circunstâncias especiais. (1947a/1971, p. 171)

Em outro texto, o autor torna ainda mais preciso o ponto de inflexão quanto à formação da identidade sexual. Diz ele que

o fator principal que determina o modo pelo qual a criança crescerá é o sexo da pessoa por quem ela está apaixonada na idade crítica, ou seja, no período que estamos agora considerando, entre o desmame e a fase de latência. (1988/1990, p. 66)

6. O pacto homossexual do menino com o pai

Winnicott usa o termo homossexualidade no sentido usual, e de maneira genérica, para referir-se à atração, identificação, aproximação, fascínio, acompanhado ou não de atividade sexual, com pessoas do mesmo sexo. Tendo, como sempre, o pano de fundo do amadurecimento, o sentido mais primitivo que Winnicott confere ao termo homossexualidade refere-se à aproximação, identificação, apego ou pacto que o menino desenvolve, em algum momento da etapa das relações triangulares (em meados do concernimento ou no estágio edípico) em relação ao pai (ou a menina em relação à mãe). No que se refere a essa etapa e, em especial, na situação edípica, e quando há saúde, essa fase “homossexual” é não apenas normal como necessária.

No que se refere ao menino, que é mais especificamente meu objeto de análise neste estudo, parece verdadeiro dizer que, nessa fase, tendo tido um bom início e um ambiente satisfatório, ele se apaixona pela mãe. Esse amor, dirá Winnicott,

envolve mudanças no corpo e na fantasia, e é violento. Um amor que leva ao ódio. A criança odeia a terceira pessoa. Por ter sido um bebê, a criança já conhece o amor e a agressividade, e também a ambivalência e o medo de que aquilo que é amado seja destruído. Agora, finalmente, na relação triangular, o ódio pode aparecer livremente, pois o que é odiado é uma pessoa que pode se defender, e que na verdade já é amada; no caso do menino, trata-se do pai, do genitor, do marido da mãe. O amor pela mãe é liberado, nos casos simples, porque o pai se transforma no objeto do ódio, aquele capaz de sobreviver, e castigar, e perdoar. (1988/1990, p. 72)

A resolução do conflito depende, em grande parte, da relação real e histórica do menino com o pai, também este real, mesmo durante todo o período em que o pai era apenas parte do ambiente;¹¹ depende também de o menino ser capaz de tolerar a ansiedade com relação ao conflito. Essa tolerância está quase sempre relacionada ao modo como foram vividas as etapas anteriores, em termos de força de ego, ou seja, se houve, ou não, incorporação da sustentação e da proteção ambientais. Em geral, na saúde, a ansiedade é tolerada e a criança se recupera. Mas, se o medo e o conflito forem demasiadamente fortes, haverá organização de defesas. Uma delas, resultado da repressão, é a inibição do impulso instintual, o que “equivale a um sério empobrecimento da experiência de vida da criança” (1989v[1961]/1994, p. 56).

Em *Natureza humana* (cap. 2, parte II), Winnicott enumera as formas de defesa contra a ansiedade relacionada ao complexo edípico e, em particular, à ameaça fantasiada de castração. Essas defesas se conjugam: inibição do instinto; abandono do objeto, aceitação de substituto; identificação com o rival; perda da identidade pessoal; compromisso homossexual com o rival (passivo) (cf. 1988/1990, p. 82). Essa listagem continua com outras formas de defesa, mas o que aqui me interessa é o que Winnicott diz na sequência:

¹¹ Para este ponto, ver item 3.3 deste estudo.

Na saúde, a criança é capaz de empregar cada uma ou todas estas defesas (além de outras) contra a ansiedade. A ansiedade não é o anormal, tanto quanto o é a incapacidade da criança de utilizar várias defesas, ou a tendência especial para utilizar uma única. (1988/1990, p. 82)

O que configura a presença de distúrbio e estabelece um padrão defensivo que, de algum modo, tolhe a liberdade, não é o uso das defesas, mas a tendência da criança a fechar-se numa única defesa, a sua incapacidade de usar defesas alternativas conforme necessário. O “compromisso homossexual com o rival (passivo)”, que ocorre juntamente com a crescente e necessária identificação com o pai, pode simplesmente ser uma das defesas contra a ansiedade, próprias da saúde, mas pode também, devido à incapacidade da criança para tolerar a ansiedade, tornar-se um padrão defensivo rígido. Aqui, poderá estabelecer-se uma psicose.

Na saúde, dirá Winnicott, “até um certo ponto, o menino estabelece um pacto homossexual com o pai, de modo que sua própria potência não é mais apenas dele, e sim uma nova expressão da potência do pai, por meio da identificação internalizada e aceita” (1988/1990, p. 73). Aqui há uma incorporação – aquisição de um esquema – nitidamente psicossomática, da posição e da potência do pai: se o menino tem que fazer-se forte para enfrentar a hostilidade dos colegas é como se ele, incorporando o pai, estivesse atualizando, demonstrando a força deste, mediante esse comportamento. O tema do pacto homossexual reaparece na parte II de *Natureza humana*, num item denominado “Realidade e fantasia”, em que se lê que o menino que toma o lugar do pai, na fantasia, não pode evitar o confronto com “a ideia de um compromisso com o pai, numa linha que perpassa a homossexualidade” (1988/1990, p. 77).

Winnicott defende a tese de que é exatamente a falta dessa experiência – a do pacto homossexual do menino com o pai, na infância – uma das etiologias possíveis da homossexualidade estabelecida na idade adulta. Nesse caso, tratar-se-ia da busca inconsciente, compensatória, às vezes premente, de uma ligação próxima, íntima, com outro homem, que se prontifica a ser objeto de identificação e imitação, necessidade esta que, por não ter podido ser suprida pelo pai, impediu ao menino uma eficaz constituição e apropriação mais natural dos modos de ser tipicamente masculinos, da abordagem masculina da realidade, além de ter impedido a elaboração imaginativa dos mesmos e dessa proximidade psicossomática. Talvez se possa dizer que é bastante

provável que, da falta de intimidade – pessoal e psicossomática – com o progenitor do mesmo sexo, derive uma falta de intimidade com o próprio corpo sexuado e suas excitações, articuladas com as necessidades de relacionamento e intimidade pessoais.

Como diz Winnicott, dificilmente um caso é inteiramente atual; há, quase sempre, que se remeter ao passado, ou seja, à pré-história, para examinar as origens. Se é esse o caso, há várias alternativas a aventar: pode ser que esse pai, por não ter oferecido intimidade corporal ao menino, quando bebê, já não lhe tenha fornecido nenhum esquema corporal masculino e/ou nenhuma familiaridade com aquela intimidade pessoal, que inclui aconchego corporal. Diferentemente, pode ser que o pai tenha fornecido, sim, tudo isso, mas quando o menino, já maior, buscou-o para o pacto homossexual, ele se assustou e recuou. Ele pode se assustar e recuar por não tolerar nenhum tipo de dependência pessoal, ou, entre outras razões, por não ter resolvido, ele mesmo, no devido tempo, a questão relativa à sua própria homossexualidade. Pode ainda acontecer de o pai ser de “linhagem feminina” (que nada tem a ver com homossexualidade) e a identificação, se possível, torna-se ambígua. (cf., por exemplo, 1965f/1994, p. 275).

Uma ilustração do penúltimo caso entre os acima enumerados, em que o menino, já maior, buscou proximidade com o pai, é a seguinte situação descrita por Winnicott:

Um menino ama seu pai, que se intimida e não pode corresponder em função de uma homossexualidade natural, que se encontra reprimida. O menino fica então privado de pai. Isso atrapalha a sua heterossexualidade, pois ele não pode abandonar-se a uma relação de ódio com seu pai. (1986g[1964]/1989, p. 144)

Examinando as consequências mais específicas mencionadas por Winnicott na citação acima, pode-se dizer que, se o menino não pode estabelecer, com naturalidade, uma relação de amor com seu pai, amor que é naturalmente psicossomático e livremente consentido, sem a tensão e os entraves do medo (do pai) de que o amor (instintual) extravase, ele também não terá como, mais tarde, experimentar o ódio, e, com isso, não alcançará a capacidade para a ambivalência. Uma das possíveis decorrências é que ele não terá a liberdade necessária para explorar suas fontes de excitação, das quais a mulher seria uma alternativa, provavelmente não desenvolverá nenhum atração psicossomática por mulheres, pois talvez nem saiba se posicionar como o parceiro

masculino e não terá, por inexperiência e excesso de temor, como fazer a experiência de rivalidade que torna um homem capaz de, a partir de uma posição de homem, amar uma mulher e enfrentar as possíveis rivalidades que surjam com outros homens.

7. Winnicott e a homossexualidade masculina

Ao enfatizar que uma fase homossexual é comum e mesmo necessária na infância, para que a identificação com o pai se realize, Winnicott parece querer dizer que é bom que seja assim e que se deve evitar que essa busca da ligação homossexual se perpetue na idade adulta. Surge então a pergunta se, para ele, a tendência pode ser evitada e por que razões ela deveria ser evitada? Talvez a citação a seguir ajude a esclarecer:

É muito conveniente que a sexualidade de uma criança se desenvolva de um modo predominantemente congruente com as características da constituição física, quer dizer, quando um menino é predominantemente masculino, e uma menina predominantemente feminina. No entanto, a sociedade tem muito a ganhar tolerando tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade no desenvolvimento emocional das crianças. Uma fonte de identificação do menino com a mãe, e até mesmo um comportamento afeminado, podem ter valor quando o desenvolvimento do caráter é satisfatório em outros aspectos. Uma certa masculinidade não é só tolerada nas meninas, como é esperada e até valorizada. (1988/1990, p. 66; os itálicos são meus)

O que significa que “é muito conveniente”? Provavelmente que é mais simples, menos complicado de administrar do ponto de vista emocional, familiar e social. Ao que tudo indica, tomando como exemplo o caso do menino que ficou privado de pai, acima citado, a questão talvez não seja a homossexualidade em si mesma, mas o fato de que, num determinado caso, a tendência pode impedir que outros desenvolvimentos sejam feitos; no caso, o menino não pode alcançar a ambivalência de maneira satisfatória e, com isso, perdeu a liberdade de entregar-se a uma relação na qual tudo pode acontecer, inclusive o ódio, sem que, na fantasia, a relação seja necessariamente destruída.

Na continuação de um outro texto, já antes mencionado, Winnicott refere-se às identificações que as crianças desenvolvem em relação a ambos os pais. Ele diz:

É conveniente, naturalmente, que a principal identificação seja com o progenitor do mesmo sexo, mas no exame psiquiátrico de uma criança seria errôneo saltar para um diagnóstico de anormalidade se a conclusão fosse que a criança quer, sobretudo, ser como o progenitor do outro sexo. Pode ser essa a adaptação natural da criança a circunstâncias especiais. Em certos casos, evidentemente, as identificações opostas podem ser uma base para tendências homossexuais posteriores, de qualidade anormal. (1947a/1971, p.171)

Por que anormal? Provavelmente, como pretendo deixar mais claro adiante, por se tratar de uma requisição que deriva não da raiz instintual do amadurecimento, mas sim da raiz identitária, estando a identidade pessoal fracamente estabelecida.

De tudo isso, depreende-se que, apesar de Winnicott entender que é conveniente que a sexualidade de uma criança se desenvolva de modo predominantemente congruente com sua constituição física, para o autor, não é a homossexualidade, em si mesma, e tampouco a heterossexualidade, que é normal ou patológica, mas é o indivíduo que está pronto (maduro), ou não, para administrar e responder às necessidades que lhe surgem da vida instintual, em meio às relações interpessoais, mais precisamente às relações familiares, tudo isso conjugado com as fantasias. Ou seja, no âmbito próprio à sexualidade, pode-se dizer que há uma homossexualidade normal e a que pode ser dita anormal, por ter sido estabelecida como defesa, devendo-se mais ao que foi impossibilitado do que a uma “livre” eleição do instinto e da fantasia; livre, embora sempre determinada pela história de relações do indivíduo.

Neste ponto, tomando para exame uma das etiologias da homossexualidade, a saber, a que deriva da impossibilidade de identificação com o progenitor do mesmo sexo e que se estabelece a partir da identificação com o progenitor do sexo oposto, sugiro que, na distinção entre o que é normal e o que é patológico, deva-se perguntar o seguinte: se a identificação com a mãe (refiro-me ao menino) foi “natural”, derivada das afinidades e características de temperamento, o que não impede a identificação com o pai, ou se foi defensiva, devido a algum traço marcante da mãe, e/ou por ausência, recusa ou impossibilidade do pai em favorecer a identificação. Quando a identificação com ambos os progenitores é possível, isso permite ao indivíduo uma escolha na linha instintual, tanto hetero como homossexual.

Não foi esse o caso do menino do cordão (cf.1953c[1951]/1975, p. 31): ele se apegou à mãe em virtude da instabilidade desta, o que nunca lhe permitiu ter confiança

em que ela estaria presente e, com isso, ele jamais conseguiu identificar-se com o pai. Diz Winnicott: “Não é difícil adivinhar, portanto, que ele apresenta identificação materna, baseada em sua própria insegurança em relação à mãe, e que essa identificação poderia transformar-se em homossexualismo” (1953c[1951]/1975, p. 35).

Uma outra etiologia da homossexualidade (talvez seja a mesma, ou derivada) é a expectativa dos pais em relação aos filhos e o lugar que cada filho ocupa no seio da família. No texto “Fatores de integração e de ruptura (*disruptive*) na vida familiar”, diz Winnicott:

Ouvimos dizer que é estranho que as crianças sejam tão diferentes entre si, quando têm os mesmos pais e foram criadas na mesma casa e no mesmo lar. Essa concepção não leva em conta toda a elaboração imaginativa da importante função do sexo, e não considera o modo específico como cada criança vem a se encaixar, ou não, num certo contexto imaginativo e emocional, contexto esse que nunca é duas vezes o mesmo, por mais que todo o ambiente físico restante não sofra mudanças.

Há muitas outras variações possíveis sobre esse tema. Algumas são complexas, e outras óbvias: o fato de a criança ser menino ou menina, por exemplo, pode afetar profundamente o relacionamento entre os pais. (1961b[1957]/2005, p. 63)

Faço notar, nesta última citação, que Winnicott enfatiza o contexto “imaginativo e emocional” no qual uma criança nasce e acaba por se encaixar. Em outro texto, “Este feminismo” (1986g[1964]/1989), o autor esmiúça um pouco mais esse mesmo tema. Na continuação de um trecho que foi citado no final do item 6 deste estudo, sobre o menino que ficou privado de pai, diz Winnicott:

Ou a menina ama seu pai, mas a mãe diminui todos os homens e rouba o espetáculo. E então, a garota “perde o bonde” com o pai, mas “pega o bonde” com o irmão maior.

Um menino e uma menina sofrem com o fato de ela ser um ano mais velha, e então os sexos precisam ser trocados.

Um menino é o terceiro em meio a quatro filhos homens. Esse terceiro percebe o desejo que os pais tinham de ter uma menina. Tende a se encaixar no papel designado, mesmo que os pais procurem ocultar seu desapontamento.

Em outras palavras: a natureza dos pais, o lugar da criança dentro da família e outros fatores afetam o quadro clássico que se conhece como complexo de Édipo. (1986g[1964]/1989, p. 145)

Isto significa que as próprias tendências hetero e homossexuais sofrem influência das expectativas familiares e do contexto imaginativo e emocional em que os indivíduos são criados.

8. Três tipos de homossexualidade

Sem tentar articular, ponto a ponto, todos os aspectos levantados, os quais foram apenas esboçados e ainda requerem amadurecimento, tentarei retomar, aqui, a dualidade acima mencionada, no item 3 deste estudo, entre a raiz identitária e a raiz instintual do amadurecimento. Entendo que ela pode ser igualmente útil para distinguir dois tipos de homossexualidade. Eu poderia falar de dois tipos, mas me dei conta de que um desses tipos deve ser, por sua vez, dividido em dois. Falarei, então, de três tipos de homossexualidade. Não digo, com isso, que só existam esses três tipos – na verdade, estou deixando de lado as múltiplas formas de homossexualidade, com suas respectivas origens, esboçadas por Winnicott ao longo de sua obra –, mas pleiteio a ideia de que esses três tipos existem. Podem também haver casos mistos.

8.1 Homossexualidade de natureza identitária

Existe um tipo de homossexualidade masculina que eu chamaria de identitária, pois deriva não de algum aspecto relacionado à vida instintual, mas do fato de o indivíduo não ter chegado a uma integração, carecendo, portanto, do estatuto do EU SOU, que é, segundo Winnicott, a única posição a partir da qual se pode viver a vida. Juntamente com uma fraca e mal estabelecida identidade unitária e com um precário estabelecimento da morada no corpo, o indivíduo não sabe bem de seu corpo, não habita nele, não sabe de sua sexualidade, nem do que propriamente o atrai. O medo e a ansiedade se misturam com excitação e ele mal distingue uma coisa da outra. Se assolado por uma onda instintual, não sabe o que fazer com isso, pois a ideia de aproximar-se de outra pessoa, e, pior, precisar dela, parece-lhe extremamente ameaçadora. Muitas vezes, a dificuldade é com as mulheres, uma vez que, em certas famílias, os jovens são compelidos a mostrar-se viris, desde cedo, e a tarefa de “ganhar uma mina” torna-se demasiadamente pesada, de modo que ele não consegue excitar-se

com elas. Na adolescência, quando a expectativa da *performance* masculina se impõe, e ele tem quase horror a passar pela prova, dirá a si mesmo: sou *gay*.

O que está na base desse tipo de homossexualidade, que muitas vezes não chega à prática pela dificuldade de relacionamento, é uma indefinição, talvez mais acompanhada de despersonalização. Nesse caso, a questão é na estrutura da personalidade e não é de surpreender que o psicótico desconheça sua vida instintual, a não ser no exercício solitário da masturbação. Por vezes, definir-se como homossexual é o que resta a um rapaz cuja identidade pessoal e sexual permanece indefinida. Um paciente meu, cuja família original exortava a virilidade dos homens, tinha, em função de sua fragilidade física e emocional, a permanente desconfiança de ser *gay* e muito sofrimento em torno dessa possibilidade. Certo dia me disse: “Quando digo que sou *gay* é para ter algum destino”. Nem que esse destino fosse o que ele projetava como marginalidade e sofrimento. Isso era ainda melhor do que perceber-se “a esmo”, inteiramente inexperiente em qualquer campo da vida; inexperiente porque, ao iniciar a análise, com cerca de 20 anos, ele jamais participara de sua própria vida em primeira pessoa.

Um outro exemplo desse estado de coisas, acrescido de aspectos que não interessam diretamente ao tema, vem do caso B, tratado por Winnicott. Referindo-se a B., escreve o autor: “Era um homem introvertido, com sexo indeterminado e grande possibilidade de se transformar num homossexual por meio de uma sedução, até que, repentinamente, começou a trabalhar numa firma de engenharia, onde logo estava gerenciando outros homens” (Winnicott *apud* Khan, 1986a/1991, p. 14). A “sedução”, aí, nem sempre é de tipo sexual, embora possa tornar-se; ela pode ocorrer por um “deixar-se dominar” pelo outro que dá a impressão de “saber de si”, de ter “segurança em si”, que é, exatamente, o que falta ao indivíduo; quando a pessoa encontra-se assim perdida, esse domínio pode ser facilmente exercido por algum colega ou amigo.

Para melhor ilustrar esse ponto referente à sedução que pode ser exercida sobre o indivíduo que pouco sabe de si, lembro o caso de um paciente jovem, caçula em sua família. Ele tendia fortemente ao estado confusional; sua mãe era bastante aérea, além de encontrar-se exausta e deprimida quando ele nasceu. O ambiente inicial era em boa medida caótico, pois, devido à crença de que as crianças crescem por si mesmas, ele era deixado, desde muito cedo, por tempo demasiado, entregue aos seus próprios recursos, sem qualquer orientação que o encaminhasse nos afazeres diários. Passava horas numa

espécie de vazio e caía, muitas vezes, num estado de irrealidade, o que continuava a ocorrer na época em que me procurou. Um dos recursos defensivos que ele achou como saída, desde pequeno, era fazer tudo o que os irmãos faziam, copiando-os, ao menos durante o tempo em que estes estavam em casa. Tornou-se inteiramente mimético e submetido ao que se dizia e ao que acontecia, copiando as falas e a movimentação dos irmãos, sem que ninguém notasse essa situação e abrisse, repetidas vezes, a chance de ele exercer um impulso pessoal criativo, impulso que, naturalmente, acabou por quase se extinguir nele. Nesse caso, estar submetido, ou ser dominado pelo outro, era o mesmo que “ter um roteiro a seguir” ou “um papel a desempenhar”, o qual, além de agradar o outro e “cumprir expectativas”, desencarregava-o de saber de si, de saber onde queria ir ou o que queria fazer. Nessas circunstâncias em que o menino ou rapaz, por falta de impulso criativo, escorrega sempre para a posição de dominado, podem ocorrer situações de abuso sexual (a sedução de que falava Winnicott) por parte de alguém com quem ele convive, um tio, um primo, um irmão, em geral mais velho, mais forte e com tendência a dominar.

Os acima mencionados são casos em que os pacientes mais imaginavam-se homossexuais, ou eram submetidos à relação homossexual, do que tinham aderido à prática homossexual. Em nenhum desses casos faz sentido examinar a questão da identificação com o pai, pois nenhum chegou ao grau de maturidade em que esse aspecto se torna vital. Mas tive também sob meus cuidados o caso de um rapaz em que a prática homossexual apresentava traços peculiares do tipo de personalidade que estou descrevendo. O paciente era jovem, profissional competente em sua área, mas andava pela vida como um sonâmbulo, sem saber o que importava ou para onde ia. Tinha horror das horas vagas e enchia esse tempo com qualquer coisa que pudesse distraí-lo de si. A desesperança sobre relações pessoais era quase total. Às vezes, ele procurava, de ímpeto, um parceiro sexual; este deveria ser alguém desconhecido, com o qual ele topava, num sinal parado, por exemplo, e com quem ele literalmente se agarrava, como “dois meninos solitários e desamparados na noite suja” – como certa vez lhe disse e com o que ele concordou – para depois, se afastar assegurando-se de que jamais voltariam a se encontrar. Era impossível, para esse rapaz, estabelecer qualquer outro tipo de relação. Não era absolutamente o caso de pensar que ele sentisse “atração” por homens; mas, certamente, esse exercício precisava ser feito com seus iguais, também iguais na fragilidade e na indefinição.

8.2 *Homossexualidade relativa à identidade sexual*

Há um tipo de homossexualidade, que também pode ser dita identitária, mas cujo problema de fundo não é o estabelecimento da identidade pessoal, que se constituiu, mesmo que de maneira frágil, mas o da identidade sexual. Trata-se de um caso um pouco mais adiantado na linha do amadurecimento do que a mencionada anteriormente. Penso que ainda se pode falar de identidade, pois pertence à constituição desta crescer como homem ou como mulher, independente das atrações pelo mesmo sexo que chegarem a ocorrer.

Nesse tipo de homossexualidade, o que está em pauta, num relacionamento, não é tanto o sexual, em si mesmo (em termos da experiência propriamente instintual e sua fantasia), mas sim o “homo”, no sentido etimológico de “o mesmo”. Se estamos diante de um indivíduo que não alcançou a identidade sexual, ou a alcançou de maneira precária, muitas vezes porque há alguma fratura na própria identidade pessoal, o que ele busca, inclusive para corresponder às expectativas que, ao longo do crescimento, a sociedade lhe faz, é alguém com quem possa identificar-se, não tanto em termos de fantasia, pois a vida imaginativa pode estar bloqueada, mas buscando completar-se de maneira fusionada, alguém que seja um “seu igual” ou um “tal como ele gostaria de ser”, e que se presta à identificação, um homem, um rapaz, para ser seu alter ego, para mimetizá-lo, para igualar-se a ele. Isso certamente pode induzir ao que parece ser um “fascínio” ou um “apaixonamento”. Atendi certa vez um rapaz, que tinha práticas homossexuais ocasionais, e que era fascinado por figuras ou pessoas cujo corpo, postura e fisionomia parecem ter sido fixados antes da diferenciação sexual; em especial, por rapazes púberes de quem não se sabe ao certo o sexo, como em certas figuras de Boticelli.

É nesses casos que, em geral, ocorre, na prática sexual, o uso de “técnicas infantis ou ‘pré-genitais’ de brincadeira sexual” (1947a/1971, p. 175). Diz Winnicott, em “A criança e o sexo”, que constituiria “uma anormalidade e um empobrecimento”, para a vida sexual de um adulto, se ele não pudesse empregar, natural e inconscientemente, todas essas técnicas em sua vida sexual. Contudo, continua ele,

o impulso para empregar uma técnica pré-genital em lugar de uma genital, na experiência sexual, constitui uma perversão e tem sua origem numa suspensão do desenvolvimento emocional nos primeiros tempo da infância. Na análise de um caso de perversão, pode-se encontrar sempre um receio em relação ao desenvolvimento do sentido do sexo maduro e uma capacidade especial para obter satisfação por métodos mais primitivos. (1947a/1971, p. 175)

Perceba-se, dessa citação, que, para Winnicott, não é a homossexualidade em si que constitui uma perversão, mas que há uma forte oportunidade, nesse tipo de relação homossexual, de ocorrer uma perversão.

Os casos de homossexualidade por falha na identidade sexual são os que derivam – não só, mas em grande medida – de uma impossibilidade de identificação com o progenitor do mesmo sexo e uma identificação defensiva com o progenitor do sexo oposto. Pode-se acentuar a responsabilidade do pai, sem desconsiderar a da mãe, em toda a situação. Aventurei uma hipótese sobre a situação familiar que dificulta ou mesmo impede a identificação do menino com o pai e a descreverei no próximo item. Antes, menciono o terceiro tipo de homossexualidade.

8.3 Homossexualidade de natureza instintual

A homossexualidade pode ainda ser de raiz instintual, embora, como sempre, a raiz identitária também participe aqui de maneira positiva. Nesse caso, a identidade unitária foi conquistada, mas, enquanto o indivíduo alcançou a integração e se constituiu, como pessoa e socialmente, segundo seu gênero biológico, talvez com a ajuda de uma boa dose de falso si-mesmo, a sexualidade (a capacidade para a excitação e o interesse) se desenvolveu, de maneira dissociada, com pessoas do mesmo sexo. Pode-se afirmar que, nesse caso, houve algum problema na integração da instintualidade segundo a natureza biológica. Num caso clínico que acompanhei, é como se, para o paciente, o “ser homem” fosse vivido sob tensão, como se ele pudesse ser a qualquer momento “pego em flagrante”, por alguém da família, querendo ser e exercer o seu ser masculino, quando lhe fora sutilmente designada uma posição feminina. Na presença das meninas, moças e, depois, mulheres, havia um desconforto que levava o rapaz à *performance* e a uma situação de “pouco à vontade”. Diante dos

homens, a excitação surgia naturalmente e a imaginação podia fluir mais livremente. Com tudo isso, a excitação ou erotização da criança ficou dissociada; o indivíduo cresce como homem, mas sua fantasia erótica vai na direção da homossexualidade.¹²

No que se refere a esse tipo, há que se mencionar os dois aspectos adicionais que, como já mencionado, devem ser levados em conta no que se refere às identificações: o lugar que uma criança ocupa na família e as expectativas familiares sobre a criança que chega. Por exemplo, o primeiro filho, primogênito, sobretudo em famílias patriarcais, ocupa o lugar do macho e é ele que tem “a cara e o jeito do papai”. Se o segundo nasce mais frágil ou chorão, pode ficar delegado ao domínio da mãe e, de certo modo, excluído da ala dos varões. Nesses casos, estar, mais tarde, entre varões pode se tornar um grande fascínio, como se isso não lhe fosse de direito, quando é. Pode ocorrer, aqui, uma dissociação entre o sentimento pessoal de ser um homem, juntamente com a *performance* social e, de outro lado, a vida erótica que foi constituída “espiando” os homens.

9. Impedimentos ao pacto homossexual do pai com o filho

Um fator que configura essa dificuldade é a falta de interesse ou impossibilidade do pai para responder à necessidade do filho de uma fase homossexual. O pai saudável, por via do pacto homossexual, dá procuração de sua potência e a criança, mais tarde, pode fazer uso dela desde um lugar masculino. É claro que é a mãe que favorece, ou não, a entrada do pai na vida do menino, mas existe um tipo infeliz de situação em que a mãe, talvez devido à sua própria história, ou em virtude de suas próprias identificações em seu lar de origem, “rouba a cena” e isso se junta a um pai que simplesmente não insiste, ou talvez se deva dizer, não persiste, em fazer a sua parte. De qualquer modo, a pergunta poderia ser assim formulada: o que impede o menino de desenvolver uma identificação com o pai? Uma mãe que lhe monopoliza a atenção, até devido à insegurança (como no caso do menino do cordão), a par de um pai que não interfere nessa situação, que não briga pelo seu menino?

Reuni os dados que se repetem na experiência clínica, e, com eles, formulei a hipótese de que parece haver um tipo de homossexualidade masculina (à que faltou a identidade sexual) que teve, em sua formação, o seguinte aspecto ambiental: a mãe é

¹² 12. Um bom exemplo dessa dissociação pode ser visto no filme *De-Lovely*, sobre Cole Porter.

sofrida e deixa transparecer para o filho, buscando nele aliança e cumplicidade, que esse sofrimento se relaciona às atitudes do pai com relação a ela, em especial a ela como mulher. Essa aliança leva a mãe, às vezes, a desconsiderar o fato de o filho ser uma criança, um menino; ela o trata como seu companheiro e o faz confidente de suas decepções e anseios. Frequentes vezes, ela o põe em contato com o mundo feminino, compartilhando as coisas típicas do mundo das mulheres: discute com ele sobre o tecido que deve comprar para fazer o vestido, queixa-se da costureira, pede que ele verifique se a costura tal está bem assentada, mostra-lhe como é bonita a mesa bem posta, as toalhas de linho, a porcelana, leva-o consigo ao cabelereiro, fala-lhe sobre cortes de cabelo, unhas, cor do esmalte, sobre estar bonita, sobre ter varizes nas pernas etc. etc. Conheci homens extremamente bem informados sobre tudo isso.

De fato, há situações familiares em que o pai desistiu de relacionar-se com sua mulher, pessoal e sexualmente; refugia-se no trabalho, ou na roda de amigos ou acha uma parceira extraconjugal. Mas o ponto que importa, na questão que ora examino, é que o pai “não tem olhos” para a mãe. A tal “relação excitante” entre o casal, da qual nos fala Winnicott, que deveria fazer a criança descobrir que é ela a terceira, e não o pai, na relação familiar, essa relação é inexistente. Muito cedo, o menino é impelido a suprir o que falta à mãe, distraíndo-a ou mesmo divertindo-a, de qualquer modo tomando para si a tarefa de alimentar afetivamente a mãe, o que, como em geral ocorre, revela-se inútil. Nesses casos, é muito difícil para o menino identificar-se com o pai, pois, além de o pai ser visto como o “canalha”, isso seria traição da mãe; com isso, o menino é levado a familiarizar-se com o mundo feminino, e passa a sentir-se à vontade nele.¹³ Um paciente, homossexual, lembrou-se que, por volta dos seis ou sete anos, ficava acordado até muito tarde, esgotado, esperando e torcendo para que seu pai chegasse, não por ele, que já não esperava nada do pai, mas pela mãe, que sofria na sala. Repetindo o padrão instituído na infância, esse rapaz tende a ligar-se a parceiros que são afetiva e rotineiramente dependentes dele.

¹³ Nos exemplos clínicos que pude acompanhar, o sofrimento da mãe, que se atualiza no casamento, e que, em geral, é atribuído à atitude do marido para com ela, pertencia a uma patologia dela cuja origem era muito anterior a essa união.

10. Considerações finais

Há muito a fazer, ainda, sobre esse tema. Winnicott aponta para múltiplas etiologias da tendência homossexual e eu me detive, apenas, nas identificações parentais, e, rapidamente, nas expectativas familiares. A partir das raízes identitária (ou relacional) e instintual, do amadurecimento, esbocei três tipos de homossexualidade: uma, de natureza identitária, pois deriva de uma falha na estrutura da personalidade e de um desconhecimento sobre a vida instintual, a segunda que deriva de uma falha na constituição da identidade sexual e a terceira sendo propriamente instintual. O recurso que venho utilizando, ao distinguir os fenômenos relativos à raiz identitária, ou relacional, do amadurecimento, daqueles que provêm da raiz instintual, tem se revelado de grande riqueza. Contudo, como se pode perceber deste estudo, as raízes identitária e instintual caminham juntas no amadurecimento, e é preciso, ainda, entender melhor as suas mútuas influências.

Referências

- Dias, M. de F. (1998). *Homossexualidade em Winnicott: uma visão da homossexualidade à luz da teoria do amadurecimento pessoal*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Freud, S. (1989). Sobre la sexualidad femenina. In S. Freud, *Obras completas Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 223-244). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1931)
- Khan, M. R. (1991). Introdução. In D. Winnicott (1991/1986a), *Holding e interpretação*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986a)
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Loparic Z. (2005). Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade. *Natureza humana*, 7(2), 311-358.

Rosa, C. D. (2011). *As falhas paternas em Winnicott*. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Winnicott, D. W. (1971). Alimentação. In D. Winnicott (1971/1964a), *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957e[1945])

Winnicott, D. W. (1971). A criança e o sexo. In D. Winnicott (1971/1964a). *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1947a)

Winnicott, D. W. (1971). *A criança e seu mundo* (Álvaro Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964a. Título original: The child, the family and the Outside World)

Winnicott, D. W. (1971). Necessidades das crianças de menos de cinco anos. In D. Winnicott (1971/1964a). *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1954b)

Winnicott, D. W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. Winnicott (1975/1971a), *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1953c[1951])

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971a. Título original: Playing and Reality)

Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965b. Título original: The Maturational Processes and the Facilitating Environment)

Winnicott, D. W. (1983). Moral e educação. In D. Winnicott (1983/1965b), *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963d)

Winnicott, D. W. (1987). *The Piggle. Relato do tratamento psicanalítico de uma menina*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1977. Título original: The Piggle. An Account of the Psycho-Analytic Treatment of a Little Girl)

Winnicott, D. W. (1988). Notas preliminares para “A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências”. In D. Winnicott (1988/1987a), *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987d[1967])

Winnicott, D. W. (1989). A criança no grupo familiar. In D. Winnicott (1989/1986b), *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986d[1966])

Winnicott, D. W. (1989). A cura. In D. Winnicott (1989/1986b), *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986f[1970])

Winnicott, D. W. (1989). Este feminismo. In D. Winnicott (1989/1986b), *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986g[1964])

Winnicott, D. W. (1989). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986b. Título original: Home is Where We Start From)

Winnicott, D. W. (1990). *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987b. Título original: Selected Letters of D. W. Winnicott)

Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988. Título original: Human Nature)

Winnicott, D. W. (1991). *Holding e interpretação*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986a. Título original: Holding and Interpretation. Fragment of an Analysis)

Winnicott, D. W. (1994). Um caso de psiquiatria infantil que ilustra a reação retardada à perda. In D. Winnicott (1994/1989a), *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965f)

Winnicott, D. W. (1994). Os elementos masculinos e femininos cindidos encontrados em homens e mulheres. In D. Winnicott (1994/1989a), *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1971va[1966])

Winnicott, D. W. (1994). *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989a. Título original: Psychoanalytic Explorations)

Winnicott, D. W. (1994). Psiconeurose na infância. In D. Winnicott (1994/1989a), *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989vi[1961])

Winnicott, D. W. (2005). *A família e o desenvolvimento individual* (M. B. Cipolla, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965a. Título original: The Family and Individual Development)

Winnicott, D. W. (2005). Fatores de integração e ruptura na vida familiar. In D. Winnicott (2005/1965a), *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1961b[1957])